

# EDUCAÇÃO E PANDEMIA: LIÇÕES DO COTIDIANO A PARTIR DA EXPERIÊNCIA DO FUNDAMENTAL II DA ESCOLA NOSSA

EDUCATION AND PANDEMIC: LESSONS FROM  
EVERYDAY LIFE FROM THE EXPERIENCE OF  
FUNDAMENTAL II OF OUR SCHOOL

Ana Gouvêa Bocchini

Universidade Federal do Amazonas, Niterói e Brasil

anagouveab@gmail.com | <https://orcid.org/0009-0000-5437-1980>

## Resumo

Jorge Larrosa provoca educadores a fazerem educação a partir de algo que nos atravesse, a partir da experiência vivida. Durante a pandemia do COVID-19, educadores de todo o mundo precisaram pensar e repensar a educação, nossas práticas cotidianas, além de “dar conta” do processo de escolarização com afastamento social. Este artigo conta a *experiência* vivida durante o ano de 2020 no Ensino Fundamental II da Escola Nossa, uma escola associativa de Niterói-RJ, onde a autora deste artigo – Ana Bocchini – atuou como coordenadora pedagógica.

**Palavras-chave:** Experiência, Escola, Ensino Fundamental, currículo, práticas pedagógicas, pandemia; COVID-19.

EDUCATION AND PANDEMIC: LESSONS FROM EVERYDAY LIFE FROM THE  
EXPERIENCE OF FUNDAMENTAL II OF OUR SCHOOL

## Abstract

Jorge Larrosa provokes educators to make education based on something that crosses our path, based on lived experience. During the COVID-19 pandemic, educators around the world needed to think and rethink education, our daily practices, in addition to “handling” the schooling process with social distancing. This article tells the experience lived during the year 2020 in Elementary School II at Escola Nossa, an associative school in Niterói-RJ, where the author of this article – Ana Bocchini – acted as pedagogical coordinator.

A R T I G O

Esta obra está licenciada sob uma licença Creative Commons Atribuição - Não comercial - Compartilhar igual 4.0 Internacional.



**Keywords:** Experience, School, Elementary Education, curriculum, pedagogical practices, pandemic; COVID-19.

### **Sobre a autora**

Mulher, mãe, pedagoga, brasileira, mestre em ciências do ambiente... Quantos “Eus” existem dentro de mim. Atuo há cerca de 20 anos como educadora, já tendo passado por muitas realidades diferentes em São Paulo, no Amazonas e atualmente em Niterói, no Rio de Janeiro. Nestes diferentes territórios, trabalhei com associações de populações ribeirinhas, jovens de periferia do interior de São Paulo, com formação de professores de escolas municipais de Manaus, em oficinas com crianças pequenas e adolescentes e, neste momento, atuo como educadora da Escola Democrática de Niterói, ligada ao Projeto Construindo Saber. Independente da área de atuação, sempre me vi como educadora. Sou inquieta, tenho muitas perguntas e poucas respostas.

*Demos as mãos, nesta roda virtual  
A ciranda contra o mal, ela não pode parar  
Pois de mãos dadas a corrente não se parte  
Contra o ódio, viva a arte, nossa voz não vão calar  
(Antônio Nóbrega e Wilsom Freire, 2020)*

### **Introdução - *Experiência* e currículo escolar**

No campo pedagógico é comum haver uma separação entre os chamados *técnicos* e os chamados *reflexivos-críticos*. Os *técnicos* são aqueles que seguem modelos pré-estabelecidos para transmissão de um determinado conteúdo, enquanto os *reflexivos-críticos*, na perspectiva de Paulo Freire (1974), é aquele que parte da premissa que o processo educativo deve conduzir o desenvolvimento de cidadãos que sejam capazes de analisar suas realidades social, histórica e cultural, criando possibilidades para transformá-la, possibilitando uma maior autonomia e emancipação de estudantes e professores.

*Jorge Larrosa (2002)* nos traz a possibilidade de pensar o processo educativo de forma reflexiva-crítica a partir da experiência. “A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca” (Larrosa, 2002). Nesta perspectiva, proponho uma reflexão acerca das lições do cotidiano no contexto da pandemia para a educação escolar a partir daquilo que nos atravessou, das experiências vividas por cada membro da comunidade escolar.

Nós, educadores, aprendemos no processo, na experiência vivida. Aprendemos, construímos e (re)construímos no cotidiano. Na pandemia não poderia ser diferente. Fomos pegos de surpresa, em março de 2020, quando, de repente, o espaço da escola, aquele espaço de troca, diálogo, abraço e afeto seria fechado. E agora? O que fazer? Educadores de todo o mundo passaram a se perguntar como fariam educação com crianças e jovens sem a possibilidade do encontro.

Diversas plataformas começaram a aparecer, cada vez com mais força. Algumas escolas, aparentemente, já estavam mais preparadas, pois já dominavam o campo tecnológico. No Brasil, entre as classes sociais mais favorecidas, com a internet já mais do que difundida, por alguns momentos parecia simples resolver o problema durante um estado de exceção instituído pela pandemia do Coronavírus: fazer videochamada, videoaulas, jogos pedagógicos interativos, etc. São muitas as possibilidades tecnológicas, e, dentre elas, muitas, de fato, podem auxiliar na aprendizagem do estudante, na relação entre escola e família, professor-aluno. Para as redes de ensino municipais e estaduais o problema aparente era apenas fazer com que os estudantes tivessem acesso à internet, pois as plataformas já estavam disponíveis. Supondo que todos nós, brasileiros, tivéssemos acesso de qualidade à internet, plataformas instaladas em nossos computadores,

*tablets* e celulares<sup>1</sup>: então o ensino escolar estaria resolvido durante a pandemia e o período de isolamento social?

Bem, se compreendemos a educação escolar na perspectiva *técnica*, com uma série de conteúdos a serem disponibilizados para os estudantes, talvez sim. Porém, se desejamos que os estudantes vivam experiências conforme Larrosa nos sugere, os recursos tecnológicos são essenciais como complemento e não como substituição. É neste ponto que fica evidente a necessidade de repensarmos o currículo escolar.

Depois de assistir a uma aula ou a uma conferência, depois de ter lido um livro ou uma informação, depois de ter feito uma viagem ou de ter visitado uma escola, podemos dizer que sabemos coisas que antes não sabíamos, que temos mais informação sobre alguma coisa; mas, ao mesmo tempo, podemos dizer também que nada nos aconteceu, que nada nos tocou, que com tudo o que aprendemos nada nos sucedeu ou nos aconteceu. (Larrosa, 2002)

Como, então, em meio a uma pandemia, nosso currículo escolar irá *tocar* nossos estudantes? Como viveremos a experiência escolar? De acordo com Veiga (1998), o currículo é o saber-fazer cotidiano:

Um currículo guarda estreita correspondência com a cultura na qual ele se organizou, de modo que ao analisarmos um determinado currículo, poderemos inferir não só os conteúdos que, explícita ou implicitamente, são vistos como importantes naquela cultura, como, também, de que maneira aquela cultura prioriza alguns conteúdos em detrimento de outros, isto é, podemos inferir quais foram os critérios de escolha que guiaram os professores, administradores, curriculistas etc. que montaram aquele currículo. Esse é o motivo pelo qual o currículo se situa no cruzamento entre a escola e a cultura. (VEIGA-NETO, 1998, p.44).

---

<sup>1</sup> É inadmissível o fato de parte considerável da população brasileira ainda não acessar a rede mundial, seja porque não tem conexão banda larga, aparelho celular ou computador. Resultado da insustentável desigualdade brasileira.

Ora, se o currículo se situa no cruzamento entre a escola e a cultura, e é ele quem define aquilo o que devemos aprender na escola, durante a pandemia, iremos apenas dar continuidade ao mesmo currículo? A educação se dá na relação, no acompanhamento atento e cuidadoso do desenvolvimento da criança e do adolescente, nas conexões construídas, nas experiências vividas e compartilhadas. Mesmo que ainda sejamos minoria, muitas escolas, projetos educativos e educadores em diversas partes do Brasil vêm se dedicando a outras bases pedagógicas: da gestão participativa, da visão inclusiva que não deixa ninguém de fora do processo de aprendizagem, do reconhecimento e valorização dos saberes e experiências das famílias, das metodologias que possibilitam que o currículo se construa a partir das necessidades locais.

Sim. Fomos “pegos de surpresa”, tivemos que “trocar o pneu com o carro andando”, a tecnologia estava à nossa disposição, os desafios foram e continuam sendo imensos e as perguntas iniciando com “como?” ficaram ainda mais presentes entre educadores. Tudo isso misturado ao sentimento de medo. Milhares de mortes por dia, crise econômica, saúde mental. Não temos respostas, mas temos caminhos. Se a educação se faz na relação (Freire, 1974), lembremos que “para educar uma criança é preciso uma aldeia inteira” (provérbio africano). Se não se faz educação sozinho, nunca foi tão urgente coletivizar as decisões, experiências e processos.

O momento agora é de ouvir estes educadores, escolas e projetos. Aprender com eles como se dão os processos pedagógicos nestas outras bases, como é o mundo que eles constroem diariamente com seus estudantes e comunidades. É também o momento de os educadores ouvirem os estudantes. Saber o que eles tanto fazem nas redes sociais, no mundo virtual, o que já sabem, o que os interessa. (Helena Singer, 2020).

Embora o contato físico seja fundamental para projetos de educação humanizados, democráticos e que visem a formação integral do estudante para que se desenvolva plenamente, a necessidade do isolamento social por

conta da pandemia nos mostrou que muito pode ser feito fora dos muros da escola. Debates, compartilhamento de experiências, visões e informações, pesquisas, intercâmbios, acompanhamento pessoal da aprendizagem, orientação, conversas com as famílias, dentre outras possibilidades, revelando aspectos pouco potencializados no universo convencional das escolas de educação básica. Durante a pandemia fomos obrigados a repensar a instituição escolar, tendo a oportunidade de discutir, olhar e repensar o que é importante ensinar, aprender e trocar no ambiente escolar – mesmo que virtual – dentro de um contexto pandêmico.

### ***Experiências no Ensino Fundamental II da Escola Nossa durante a pandemia do COVID-19***

A Escola Nossa é uma associação de famílias e professores, com 33 anos de existência e fica localizada na região de Pendotiba em Niterói-RJ. Em 1987, um grupo de pais, mães e professores se reuniu em busca de uma nova forma de educar e, em 1988, a Escola Nossa foi fundada: sem fins lucrativos, de gestão participativa, pautada nos valores humanos, numa pedagogia com sentido e segue, até os dias atuais, sendo uma escola que resiste aos moldes. De 2018 até 2021, atuei como coordenadora pedagógica do Ensino Fundamental II e me vi, junto aos professores, imersa no desafio de buscar uma prática escolar durante a pandemia do COVID-19 que buscasse construir "experiências". Fomos, como todos, “pegos de surpresa” com o afastamento das atividades presenciais e foi comum ouvir educadores de educadores das mais diversas realidades, que tínhamos que “trocar o pneu do carro com o carro andando”.

Neste contexto, nós da Escola Nossa partimos do princípio que precisávamos rever nossas práticas pedagógicas e tínhamos a certeza que isso só seria possível se fosse discutido coletivamente. É importante pensarmos a construção coletiva como a potência prática do novo mundo que desejamos viver. No sentido oposto, é comum ver escolas que não se

enxergam enquanto unidade, enquanto uma comunidade escolar que viva de fato uma construção em sociedade.

Enquanto coordenação pedagógica, nunca foi tão importante estimular um movimento contínuo, de repensar a escola como um todo e não em práticas isoladas de educadores - por mais que seja importante -, como fator de mediação, a luta resistente de alguns docentes. Devemos colocar energia para desenvolver um fazer educativo mais plural, valorizando a diversidade de pensamento e o cuidado com as pessoas.

Conforme Arroyo (2012), considerando a importância de *espaçostempos* de um justo e digno viver da infância e da adolescência, há mais de três décadas movimentos e famílias lutam pela formulação de ações, programas e políticas públicas com base na educação integral, como forma de enfrentamento às muitas vulnerabilidades das crianças e adolescentes e ao aprimoramento contínuo da qualidade da aprendizagem. Os movimentos discutiam e ainda discutem questões como reorganização curricular; não fragmentação dos tempos, espaços e campos de saber; autonomia dos educandos na construção de seus percursos de aprendizagem; professores como mediadores do conhecimento; articulação comunitária e participação das famílias na gestão das instituições de ensino. Reflete, portanto, as pautas que passamos a discutir de forma sistemática entre os professores do Ensino Fundamental II da Escola Nossa, através de reuniões virtuais semanais<sup>2</sup>. A partir destes encontros, que antes da pandemia aconteciam mensalmente e, portanto, tínhamos pouca identificação enquanto equipe, que ideias e projetos surgiram.

Se o caminho a percorrer for debatido coletivamente, o papel de uma coordenação pedagógica passa, cada vez mais, por ações como: incentivar, mediar, escutar, estar ao lado da equipe de docentes. Muitas coordenações pedagógicas utilizam seu tempo para revisar provas de professores e

---

<sup>2</sup> A Escola Nossa já é, por essência, uma escola de resistência, de “educação alternativa” e vem implementando metodologias a partir da pedagogia de projetos há anos. Porém, ainda enraizados em uma cultura e rotina escolar, antes da pandemia nossas reuniões costumavam ser mensais.

cumprir questões burocráticas. Porém, o papel de um(a) coordenador(a) é articular, orientar e transformar. Neste sentido, em meio ao isolamento social, foi ficando cada vez mais claro, que o foco deveria ser apoiar os professores para que não houvesse esgotamento mental. Com um horário reservado para a reflexão e diálogo dentro da rotina escolar para as tomadas de decisão e combinados de como iríamos implementar as ações. Foi assim que, de forma coletiva, implementamos alguns projetos durante o ano de 2020.

### **Projeto Cuidado**

São nos momentos de maior adversidade que precisamos exercitar a nossa resiliência de maneira coerente, irreverente e construtiva. É com esse pressuposto que o grupo de educadores da Escola Nossa do Fundamental II nos primeiros meses do período de isolamento social, teve como objetivo nas atividades curriculares à distância trabalhar com o tema “PRECISAMOS CUIDAR”. Desta forma, abarcamos os inúmeros significados que a palavra *cuidado* nos remete: desde a ação propriamente de cuidar, da atenção com algo, do afeto com o próximo, do medo que nos habita, passando pela solidariedade que nos alimenta.

Neste sentido, as atividades a distância do fundamental II nos primeiros meses da pandemia, tiveram como objetivo manter o vínculo dos estudantes com a Escola Nossa, com os professores, com os amigos e com o currículo escolar. Sempre lembrando que neste difícil contexto de isolamento social e pandemia, o “CUIDADO” orientou todas nossas ações, de forma interdisciplinar<sup>3</sup>.

---

<sup>3</sup> A interdisciplinaridade busca compreender o processo de ensino e aprendizagem como sistêmicos e não como uma abordagem estanque de conceitos e teorias (Parâmetros Curriculares Nacionais, 1998). A interdisciplinaridade está prevista no Projeto Político Pedagógico da Escola Nossa. “O currículo de Ensino Fundamental da EN se dá na consolidação das aprendizagens anteriores e pela ampliação das práticas de linguagem e da experiência estética e intercultural dos estudantes, considerando tanto seus interesses e expectativas, quanto o que precisam aprender. Ele está organizando a partir da Base Nacional Comum de acordo com a LDB/96, dando ênfase à interdisciplinaridade e por isso



Em artes, educação física, ciências, português e geografia abordamos o autocuidado, cuidado com o próximo, a saúde e o ambiente. Em português, história, geografia, inglês o cuidado foi trabalhado a partir das memórias pessoais e históricas. E, por fim, nas disciplinas de história, filosofia, química, física, matemática e biologia abordamos o cuidado com a educação, igualdade e veracidade de dados científicos. Além disso, mantivemos nossas rodas de conversas com a orientação educacional e coordenação através de vídeo conferências, a fim de cuidarmos das relações e da nossa saúde mental.

### **Protagonismo dos estudantes**

O protagonismo dos estudantes é parte do projeto da Escola Nossa. A partir de assembleias para tomadas de decisão, rodas de conversa para resolução de conflitos, proposições de projetos e envolvimento com a escola como um todo, os estudantes contribuem com a construção constante do currículo escolar. Desta forma, sempre a partir de uma escuta atenta, genuína e instrumentalizada, os estudantes, além de serem protagonistas de seu próprio aprendizado, são estimulados a protagonizarem os projetos educativos da Escola Nossa. Neste contexto, estudantes do 9º ano, em maio de 2020 tiveram a ideia de elaborar um questionário para saber como os adolescentes da Escola Nossa estavam se sentindo diante deste (novo) mundo tão confuso que nos foi imposto pela pandemia do Coronavírus. Além das respostas sobre como se sentiam – felizes, tristes, confusos, cansados – perguntaram: “quais aprendizados você está tendo em casa?”. Algumas das respostas elaboradas por estudantes de 6º ao 9º ano (10 a 15 anos de idade) estavam relacionadas aos cuidados com a casa, como:

*“Estou aprendendo a limpar a casa”.*

*“Aprendi a ajudar meus pais na arrumação da casa”.*

---

agrupado em três áreas do conhecimento: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias; Ciências da Natureza, matemática suas Tecnologias e Ciências Humanas e suas Tecnologias” (PPP Escola Nossa, 2017).

*“Aprendi a lavar as mãos corretamente”.*

*“Durante essa quarentena estou aprendendo a fazer alguns doces, estou pegando o jeito em dar os remédios para minha cadela, aprendendo a lavar direito meu banheiro”.*

Outras respostas tiveram relação com a valorização das relações e da vida.

*“Estou aprendendo mais sobre a importância do coletivo. E o impacto que um “simples” vírus pode causar”.*

*“Aprendi que temos que aproveitar cada momento”*

*“Aprendi que os amigos e familiares são mais importantes do que tudo”.*

*“A dar mais valor às pessoas e pequenas coisas da vida, principalmente quem está do seu lado no dia a dia e na escola”.*

*“Estou aprendendo a ter paciência, respeito, sendo sincero eu acho que estou começando a amadurecer, e enxergar as coisas de outra maneira”.*

*“Acima de tudo aprendendo a dar mais valor às coisas”.*

*“Aprendi que a vida nem sempre é como esperamos”.*

*“Aprendi que um simples cotidiano faz grande diferença”*

*“Eu aprendi a dar valor às pessoas e dar valor às coisas simples como sair de casa”.*

E, por fim, algumas respostas se relacionaram com aprendizados do cotidiano vivido em suas casas:

*“Estou em casa vendo filmes com a família e aprendendo a ter paciência”.*

*“Estou aprendendo a desenhar melhor”.*

*“Eu estou cozinhando muitas coisas novas, com certeza aprendendo a mexer em coisas mais complicadas no computador, estou aprendendo a lidar melhor com o convívio e venho aprendendo a tocar mais músicas no ukulele quando sobra um tempinho”.*

*“Aprendi a mexer no computador”.*

*“Eu aprendi a fazer bala de coco”.*

*“Aprendi a fazer arroz”*

*“Eu estou aprendendo a ser mais paciente!”*

Com estas respostas, ficam evidentes as inúmeras aprendizagens que cada adolescente tem em suas casas e que, por vezes, a escola acaba por ignorar ou não dar a devida importância e vazão. Se os estudantes do 9º ano não tivessem tido a ideia de perguntar aos seus colegas como estavam se sentindo e o que estavam aprendendo nós, educadores, talvez nós educadores não saberíamos que um determinado estudante aprendeu a fazer arroz e outros estavam aprendendo a ter paciência. A escola, durante a pandemia, precisa se fazer presente na casa e na vida dos estudantes, sem negar os outros aprendizados existentes na vida de cada um, cotidianamente. Do “dar remédio para minha cadela”, à “valorização da vida, amigos e família”, identificamos experiências vividas, aquilo que tocou e atravessou cada estudante e, portanto, pode e deve ser transformado em currículo escolar.

### **Oficinas de artes virtuais**

A *pedagogia do olhar* descrita por Rubem Alves (2000), assim como a *pedagogia do cuidado*, descrita pela educadora Dagmar Garroux (2008), nos provocam não só a ver o mundo com outras perspectivas, mas a entender que para olharmos o outro sem julgamento, preconceitos, devemos antes olhar para nós mesmos. “As palavras só têm sentido se nos ajudam a ver um mundo melhor. (...) Há muitas pessoas de visão perfeita que nada veem... O ato de ver não é coisa natural. Precisa ser aprendido” (Rubem Alves, 2000).

Desta forma, a arte é um dos pilares do Projeto Político Pedagógico da Escola Nossa, presente em nosso cotidiano e nas práticas pedagógicas desde que a escola existe, também com o objetivo de olhar para nós mesmos, com autocuidado, cuidado ao próximo e ao mundo. Através da arte, as possibilidades de o educador ensinar o estudante a *olhar* o mundo e interpretá-lo através do ato de enxergar, interpretar e cuidar da realidade que o cerca, se ampliam.

Durante a pandemia, os artistas e a arte se mostraram mais do que nunca, essenciais, para que possamos atravessar este difícil período com mais leveza e dialogando sempre com nossos próprios sentimentos através da sensibilidade do *olhar*. Foi com alongamentos, desenhos, brincadeiras, montagens com objetos da casa, rodas de poesia e outras oficinas, que pudemos exercer, mesmo com distanciamento social, a pedagogia do olhar e do cuidado, dialogando com os nossos próprios sentimentos.

### **Intercâmbio com estudantes de outras partes do mundo**

Apesar dos estudantes da Escola Nossa, em sua maioria, estarem muito informados sobre os números de casos e mortes causados pela pandemia do Coronavírus no Brasil e no mundo, sentimos a necessidade que eles tivessem um olhar para além da sua realidade privilegiada. É preciso construir alteridade junto a esses jovens, entender, de forma solidária, que o outro existe e que esse outro possui outras vivências e experiências neste mundo. Tínhamos o desafio de que os estudantes entendessem o que estava acontecendo no mundo sem sair do quarto. Vivemos um estado de excesso de informação, porém, “a informação não deixa lugar para a experiência, ela é quase o contrário da experiência, quase uma antiexperiência” (Larrosa, 2002). Desta forma, para possibilitarmos a experiência descrita pelo Jorge Larrosa, realizamos intercâmbios com jovens de Manaus, no Amazonas e da Índia. Nestes encontros virtuais eles puderam trocar experiências e relatar como estava sendo a pandemia em cada realidade.

### **Encontros com as famílias**

Os encontros com as famílias foram periódicos. Rodas de conversa para sabermos como estava sendo o dia-a-dia de cada família, a nova organização da rotina, as angústias e dúvidas deste momento. “Meu filho vai aprender de forma on-line?”, “Como *disputar sua atenção* com tamanho atrativo dos jogos on-line?”, a dificuldade com o tempo excessivo nas telas, a angústia de

ter uma infância perdida, o luto das famílias que tiveram parentes que faleceram. Dialogar e estar próximo, encurtando as distâncias, foi essencial para que juntos encontrássemos os caminhos para lidar com este momento. A pandemia foi, segundo o psicanalista Cristian Dunker (2020), um convite permanente ao exercício coletivo de privação e sacrifício. Tivemos que abrir mão de planos, perspectivas e, até mesmo, de pessoas. A adaptação à nova rotina, a migração do ambiente escolar para dentro das nossas casas e o convívio familiar intenso, foram realidades vividas por todos. Trocar essas experiências e perceber que a pandemia causou impactos na saúde mental de todos nós, evidenciando a impossibilidade de se ter um estado de bem estar linear e permanente, fez com que a comunidade escolar se visse cada vez mais, como um coletivo. A coletivização dos processos e decisões de carga horária escolar, de estabelecimento de rotinas, dentre outras, foram, aos poucos, não apenas diminuindo os gatilhos produtores de ansiedade e compensação, mas também construindo um espaço de unidade e sinergia na luta pela sobrevivência, onde *“ninguém solta a mão de ninguém”*, conforme a música de Antônio Nóbrega e Wilson Freire lançada em julho de 2020.

### **Valorização do professor**

“Não estamos trabalhando em casa. Parece que estamos dormindo no trabalho”. Esta foi a frase de um professor que reforçou a necessidade do olhar atento ao trabalho docente no contexto da pandemia. A exposição da imagem do professor, a *“vigia”* por parte dos familiares dos estudantes, a obrigação de se reinventar e lidar com os recursos tecnológicos mesmo sem ter tido formação para isso, gravar vídeo aulas que eram disponibilizadas na internet, a pressão vinda por todos os lados para que pudéssemos fazer educação de qualidade de forma virtual no meio de uma pandemia foram questões que atravessaram o cotidiano escolar no contexto pandêmico.

Estas questões do cotidiano docente na pandemia ficaram evidentes para a sociedade: viraram *“memes”*, figurinhas de *WhatsApp*, estiveram

presentes na mídia. Por um momento, durante a pandemia, pensamos que os professores iriam, finalmente, ser mais valorizados pela sociedade e pelo Estado Brasileiro.

Tivemos a oportunidade de deixar ainda mais clara a importância social da escola, como possibilidade de alteridade para crianças, jovens e adolescentes – tão necessária para a formação integral de um indivíduo. A instituição escolar foi classificada como atividade essencial no início de 2021, porém, até o mês de maio deste ano, os professores ainda não estavam nos calendários de vacinação contra COVID-19 em muitos estados e municípios<sup>4</sup>. Algumas escolas retornaram o ensino presencial, sem que houvesse uma proteção destes profissionais, mesmo após mais de um ano que o trabalho docente tem se mostrado tão importante para a sociedade.

Diante deste triste cenário, parece que a importância do professor tem se dado de forma utilitarista e não enquanto profissionais da educação, que tem uma intencionalidade no fazer pedagógico, que podem construir de forma coletiva, um projeto de sociedade mais justa, solidária e com menos desigualdade.

Se o “ouvir” é o melhor caminho possível com as famílias e com os estudantes, com os professores não poderia ser diferente. “O momento agora é de ouvir estes educadores, escolas e projetos. Aprender com eles como se dão os processos pedagógicos nestas outras bases, como é o mundo que eles constroem diariamente com seus estudantes e comunidades” (Helena Singer, 2020).

### **Considerações finais**

---

<sup>4</sup> Quando este artigo foi escrito, o ministro Ricardo Lewandowski, do STF (Supremo Tribunal Federal), suspendeu uma liminar da Justiça do Rio de Janeiro que colocava professores e agentes de segurança entre os grupos prioritários para vacinação contra a covid-19 no estado do Rio de Janeiro.

A *experiência* aqui relatada ainda se encontra em processo<sup>5</sup>, mas já representa para educadoras/educadores, dirigentes, estudantes e comunidade em geral uma oportunidade promissora de diálogo e de negociação da qualidade da educação a partir de um novo olhar sobre o currículo escolar, com o objetivo de uma formação integral do estudante.

Além disso, esta *experiência* nos possibilita também refletir sobre o fazer cotidiano da coordenação pedagógica, que, durante a pandemia, passou por diversas reorganizações na forma de trabalhar. Os projetos aqui descritos passaram por amplos debates, gerando tensões e angústias por parte de alguns membros da comunidade escolar. Famílias preocupadas com o “conteúdo”, estudantes desestimulados e cansados, direção da escola questionando a eficácia do trabalho, assim, tão diferente. Porém, com paciência, embasamento teórico, muito diálogo e, acima de tudo, trabalho coletivo entre professoras e professores do segmento, aos poucos, fomos percebendo que mesmo diante de tantas mudanças e incertezas, estávamos agindo de acordo com o nosso Projeto Político Pedagógico da Escola Nossa, quando assume que “o currículo são todas as dimensões que envolvem o ato de educar e cuidar, portanto, está relacionado com a vida” (PPP Escola Nossa, 2017).

Desta forma, destaco alguns pontos do papel da coordenação pedagógica, em especial naquele contexto: 1) orientar o trabalho coletivo e mediar tensionamentos com a comunidade escolar de forma a “blindar” seu corpo docente, tendo em vista sempre a saúde mental dos profissionais. 2) fortalecer estratégias, junto aos professores, que busquem oferecer um ensino de qualidade e integrado com a sociedade. 3) executar o Projeto Político Pedagógico da instituição. Por fim, fez-se necessário, em um

---

<sup>5</sup> Em 2021, a pandemia do CORONAVÍRUS passa pela sua 2ª onda, com o aumento de casos e mortes. Ainda assim, a partir da determinação da educação escolar como atividade essencial, o desafio tem sido dobrado: retomar as atividades presenciais de forma híbrida apenas para as famílias que optarem por esta modalidade. Isto é, alguns estudantes continuam estudando de forma exclusivamente remota e outros alternam entre dias remotos e dias presenciais.

contexto de pandemia, reelaborar o currículo de forma democrática, colaborativa e contextualizada.

Mesmo em tempos difíceis, estas *experiências*, propostas por Larrosa expressam para nós a esperança na transformação da educação e na valorização do seu caráter emancipatório, como um projeto que deve ser pensado coletivamente e no qual as transformações devem contar com a participação de todos os sujeitos que fazem parte da escola/sociedade.

*Ninguém solta a mão de ninguém.*

### Referências bibliográficas

- ALVES, Rubem. **A Alegria de ensinar** Campinas: Papirus, 2000.
- ANTUNES, Celso; GARROUX, Dagmar. *Pedagogia do Cuidado*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- ARROYO, M. **O direito a tempos-espacos de um justo e digno viver**. In: MOLL, J. [et. al.]. *Caminhos da educação integral no Brasil: direito a outros tempos e espaços educativos*. Porto Alegre: Penso, 2012. p.33 – 45.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 1968. São Paulo: Paz e Terra, 1974.
- LARROSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Tradução: João Wanderley Gerald. *Revista Brasileira de Educação*. 2002
- MEC. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental*. Brasília: MEC - Secretaria de Educação Fundamental, 1998a.
- SINGER, Helena. Covid-19: nada será como antes. 2020. In: <https://educacaointegral.org.br/reportagens/covid-19-nada-sera-como-antes-por-helena-singer/>. 2020. Acesso em 5 de maio de 2021.
- VEIGA, Zilah de Passos Alencar. **Projeto político-pedagógico da Escola: uma construção coletiva**, In: *Projeto político-pedagógico da Escola: uma*



construção possível. 7ª ed., Campinas, SP: Ed. Papirus, 1998. **VEIGA**, Zilah de Passos Alencar.

**Notícias:**

- <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2021/05/03/lewandowski-tira-professores-e-policiais-das-prioridades-de-vacinacao-no-rj.htm>. Acesso em 5 de maio de 2021.

**Sites:**

[www.escolanossa.com.br](http://www.escolanossa.com.br)

**Lives e vídeos:**

- Antônio Nóbrega, Wilson Freire. NINGUÉM SOLTA A MÃO, NINGUÉM. Canal Youtube “Antonio Nobrega”. 2020. In: <https://www.youtube.com/watch?v=jwMOvwYyraQ>

- Dunker, Cristian. Live **Os efeitos da pandemia na Saúde Mental**. Canal Youtube “Valor Econômico”. 2020. In: <https://www.youtube.com/watch?v=yEKPuO87gqc>